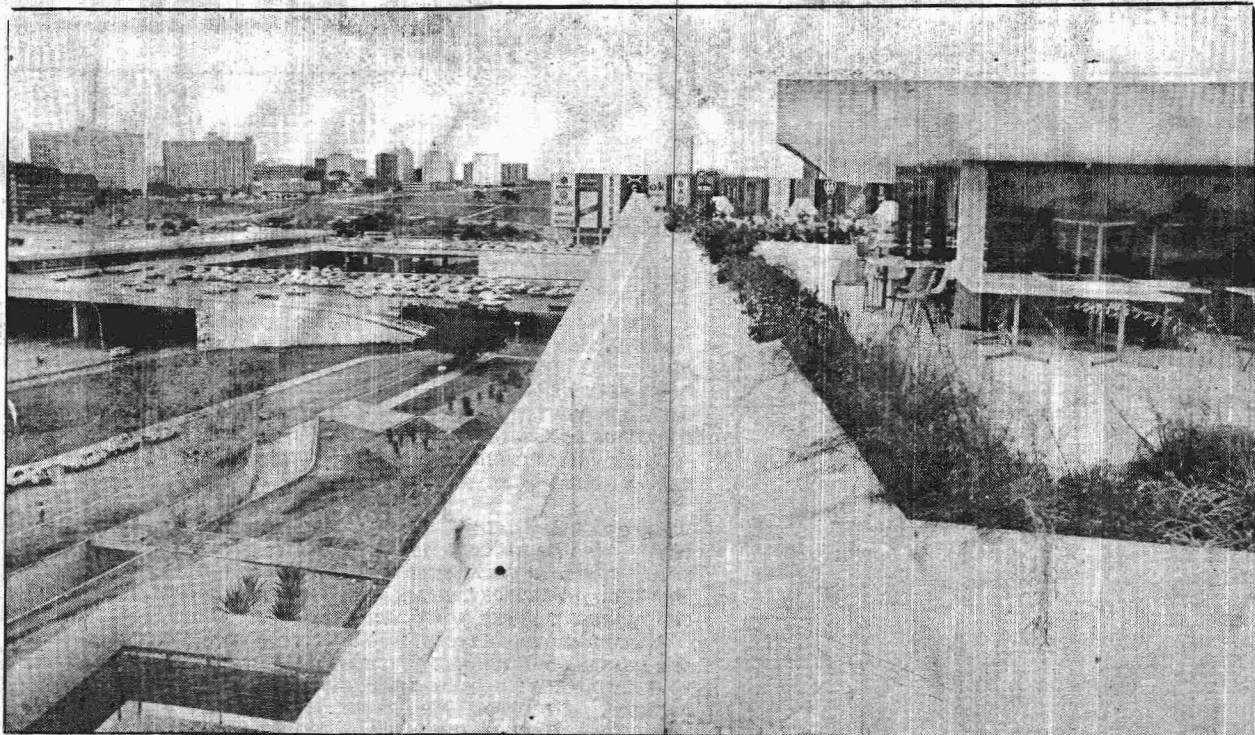




A justificativa para o toldo é o restaurante, mas existe outra entrada de acesso

O CASO DO TOLDO

Fundação não assume erro

O restaurante do Teatro Nacional, finalmente é visitado

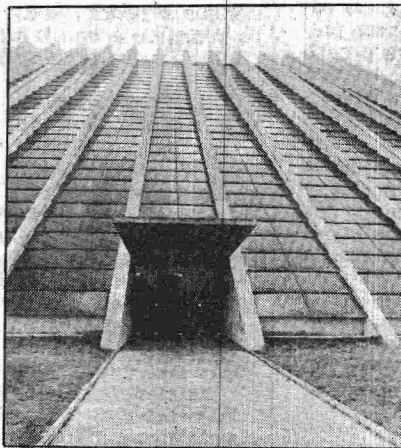
ESTELA LANDIM
Da Editoria de Cidade

Quando a Fundação Cultural do DF, por dois dias consecutivos, se nega a permitir o acesso da imprensa ao Teatro Nacional e inventa mil desculpas para não conceder entrevistas quando o assunto é o maldito toldo azul-cheguei, a curiosidade aumenta e faz até pensar que existe algum grande mistério por trás das paredes do teatro.

Mas não é nada disso. É certo que existem corredores escuros, que mais parecem labirintos, mas depois de conseguirmos entrar sem permissão dentro do teatro e conhecer o famoso restaurante, a conclusão só pode ser esta: a Fundação Cultural não quer assumir o seu tremendo mau gosto e admitir que o toldo é desnecessário, já que existe uma entrada principal que permite o ingresso ao restaurante sem que as pessoas passem pelo incômodo de se molhar quando estiver chovendo. E bom lembrar que está é a única justificativa apresentada até agora pela Fundação para que aquele monstro continue instalado.

Como disse o próprio autor do projeto, o arquiteto Oscar Niemeyer, aquela entrada foi planejada para dar acesso ao restaurante e à sala Martins Penna, sendo a rampa lateral — agora coberta pelo toldo — apenas mais uma opção. Mas o chefe de gabinete do presidente da Fundação, Fernando Adolfo, contesta o próprio Niemeyer insistindo que o acesso ao restaurante tem que ser necessariamente pela rampa lateral.

Entretanto, quando lhe solicitamos que nos deixasse comprovar essa sua verdade conhecendo o restaurante e suas entradas, Fernando Adolfo des-



Pela frente, o acesso é fácil

conversou e lá veio com mais um punhado de objeções. O diretor executivo Carlos Mathias não estava e ele próprio (Fernando) não conhecia o teatro tão bem que pudesse nos acompanhar. Além disso, os elevadores não estavam funcionando e no restaurante a visita era impossível porque estava tudo sujo, entupido de entulhos de material de construção. Para encurtar a conversa, disse que esse assunto agora estava a nível de governador. Finalizando: de forma alguma era possível a visita e nos despachou com um sorriso.

DESVENDANDO O MISTÉRIO

Certamente saímos da sala do Sr. Fernando dando-lhe a impressão de que estávamos convencidos da impossibilidade de entrar no teatro. Fomos embora e já na rua resolvemos tentar entrar no teatro de uma forma menos

oficial, ou seja, pelos fundos. E até foi muito fácil. Na primeira porta, um vigia nem nos olhou e nas outras salas e corredores, onde sempre havia um funcionário sem fazer nada, apenas sentado vigiando, também conseguimos passar sem que ninguém nos perguntasse nada.

Depois de passar por trás do palco, entrar na Sala Martins Penna, subir escadas encaracoladas e corredores escuros, chegamos no saguão da entrada principal. Ali, ao contrário do que havia dito o chefe de gabinete, nada impedia que as pessoas tivessem acesso ao restaurante sem, com isso, prejudicar o ingresso à sala Martins Penna. Depois de entrar pela porta principal, o que existe é um amplo saguão com uma bilheteria e, do lado direito, uma outra porta que dá acesso à sala Martins Penna. Do lado esquerdo, uma rampa leva à sala onde estão os elevadores de acesso ao restaurante.

Quando tentamos subir ao restaurante, aí sim, um funcionário disse que estava terminantemente proibido. Ele havia recebido ordens para não deixar que ninguém subisse. Era mentira, mas lhe convencemos de que tínhamos autorização da diretoria da Fundação Cultural para visitar também o restaurante. Sem outros empecilhos, chegamos ao tal restaurante que, para nossa surpresa, não tinha nada de extraordinário. Já com os móveis em seus lugares, mas tudo sem sofisticação, funcionários davam os últimos retoques na casa. De resto, foi curtir um pouco o panorama e ir embora com uma certeza: o toldo, além de ser uma aberração arquitetônica, como disse Niemeyer, só serve para satisfazer o ego de uma pessoa que não conseguiu criar uma obra belíssima como o Teatro Nacional.